

Preocupações E Recomendações Para A Primeira Educação Da Criança Cristã Na Península Ibérica Medieval (Século Xiii)

Camila Tatiane de Souza¹⁴⁹

RESUMO

Fazendo uso do livro *Doutrina para crianças* de Raimundo Lúlio, este trabalho busca compreender quais as instruções para a primeira educação das crianças, ainda no ambiente familiar, uma vez que frequentar uma escola ou receber um instrutor caracteriza uma das etapas do ensino formal e antes de chegar à idade apropriada para tal, a criança recebe de maneira informal a sua primeira educação, mediada pelos adultos que a rodeiam. Atitudes como o receber, cuidar, zelar e educar chegaram a ser questionadas se realmente existiram durante a Idade Média, a partir desta visão este estudo realiza um debate bibliográfico relatando diversas normas e cuidados da sociedade medieval em relação à infância, na sequência é realizado uma breve descrição do sistema de ensino formal da região estudada. Desta forma, é possível compreender que a criança medieval deve ser protegida, respeitada e educada desde os primeiros anos de vida.

Palavras-chave: Educação. Criança. Idade Média.

ABSTRACT

Making use of the *Doctrine for children* of Ramon Llull, this work seeks to understand which instructions for the early education of children, still in the family, since they attend school or receive an instructor characterizes stage of formal education and before reaching the appropriate age to attend school, the child receives informally their first education, mediated by adults that surround. Attitudes like to receive, care for, educate and ensure came to be questioned if it really existed during the Middle Ages, from this vision this study conducts a debate bibliographic different reporting standards and care of medieval society in relation to childhood, sequence is performed in a brief description of the formal education system in the region studied. This way it is possible to understand that the

149 Graduada em História pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Texto parte integrante do trabalho de Monografia apresentada ao respectivo curso, que recebeu o título final: A infância na Península Ibérica medieval: um paralelo entre a primeira educação da criança segundo Raimundo Lúlio e Ibn Khaldun (1274 – 1378).

medieval child must be protected, respected and educated from the earliest years of life.

Palavras-chave: Education. Child. Middle Ages.

INTRODUÇÃO

Compreendendo que “a inteligência se forma em casa, assim como a sensibilidade; a educação do corpo e a do espírito são em primeiro lugar assunto privado; a escola vem em seguida” (LA RONCIÉRE, 2009, p. 281), e, ainda percebendo que “na história das civilizações, como na dos indivíduos, a infância é decisiva. E muito, senão tudo, ali se decide” (LE GOFF, 2005, p. 15), este artigo, através de um debate bibliográfico, busca relatar recomendações e procedimentos divulgados para o bem nascer e o crescer da criança na sociedade medieval da Península Ibérica, assim como analisar instruções para a primeira educação dela ainda no ambiente familiar.

Para tal objetivo é utilizado como documento histórico o *Doutrina para crianças* de Raimundo Lúlio (1232 – 1316), livro escrito entre 1274 e 1276, onde o pai deixa para o filho instruções de como educar uma criança dentro dos preceitos do cristianismo, aconselha sobre as ciências que deve estudar, faz um breve resumo de passagens bíblicas e explica os diferentes pecados, deixando claro a sua visão de como deve ser a primeira educação ministrada a uma criança.

Diante da proposta deste estudo, é possível perceber que, quando é proposta uma pesquisa que se refere à criança medieval, aos cuidados, ao zelo, a educação dada a ela, ainda é viva a discussão sobre a existência ou não do sentimento que a envolve. Isso se deve a referência feita a um dos primeiros estudos sobre este tema, a obra *História Social da Criança e da Família*, de Philippe Ariès. Em seu estudo ele afirma que “até por volta do século XII, à arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la [...] É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo” (ARIÈS, 1978, p. 50). Desta forma, como não encontrou a representação da criança na iconografia, Ariès

(1978) concluiu que os homens do século X e XI não se interessavam por ela, por isso não a representavam, o historiador assegura ainda que atitudes demonstrando preocupação para com os pequenos surgem apenas no século XVII.

No entanto, diferente de Ariès, outros historiadores, não se detiveram apenas ao estudo das imagens, e fazendo uso de códigos jurídicos, da medicina, de leis de execução, de regras de mosteiros, perceberam que a criança não era apenas presente, mas, como também existiam determinações específicas sobre e para o período da infância antes do citado século XVII. Como afirma Heywood (2004) o trabalho de historiador de Ariès deve ser reconhecido, porém deve-se seguir adiante, abrir espaço para novas discussões e descobertas.

A CRIANÇA

Como afirma Heywood “a infância é, pois, em grande medida, resultado das expectativas dos adultos”, assim sendo, para

...recriar a forma como eram as experiências cotidianas das crianças no passado (o que se pode chamar de história social das crianças), os historiadores devem primeiramente compreender aquilo que os adultos pensavam e sentiam sobre os mais jovens (a história cultural de infância) (2004, p. 22).

Em um mundo onde a morte levava uma em cada três crianças de pouca idade, estas seriam apenas consideradas como vidas em suspenso ou mortes anunciadas, é

...neste contexto, marcado pela dolorosa presunção da morte prematura dos filhos, torna-se difícil aceitar o severo juízo de uma total ausência de afectos parentais ou grande desinteresse que os pais e as mães manifestariam pelos seus filhos (OLIVEIRA, 2011, p. 297).

Desta forma, os medievais mantinham desde o momento da concepção até o momento do nascimento cercado de “rituais”, necessários, para garantir que a criança chegaria ao mundo se forma segura.

O parto, além de ser um momento cercado de cuidados, também se tratava de um “acontecimento privado, doméstico e exclusivamente feminino” (OLIVEIRA, 2011, p. 260). Sendo a presença de um médico bastante rara, devido a razões de pudor, assim como o fato de existir poucos médicos (OLIVEIRA, 2011). O momento do nascimento da criança e

...as incertezas relativas à sobrevivência da mãe e dos filhos, bem como à sua posterior saúde e normalidade eram responsáveis pela particular atenção concedida nos tratados médicos, nomeadamente hispano-árabes, aos cuidados a ter durante o parto (OLIVEIRA, 2011, p. 260).

Neste contexto o “nascer era apenas ultrapassar um primeiro obstáculo; o espectro da morte continuava a rondar o pequeno ser acabado de sair do aconchego do ventre materno...” (OLIVEIRA, 2011, p. 260).

Os tratados médicos hispano-árabes, difundidos na Península Ibérica, recomendavam que a criança devesse ser não só bem tratada, mas também protegida e fortificada. Neste momento a criança “estava então preparada para ser envolvida em panos de tecido leve, normalmente uma faixa de linho” (OLIVEIRA, 2011, p. 260). Desta forma seus membros poderiam crescer em linha reta e forte.

A saída do acontecimento privado que era o momento do parto, acontecia no batismo. A importância dada pelos cristãos ao batismo levou a permitir que parteiras realizassem o sacramento, motivado pelo medo de que a criança poderia morrer sem ser batizada (OLIVEIRA, 2011).

É no momento do batismo, que se realiza a escolha de padrinhos, pois “... a estes novos parentes, distintos dos pais biológicos, competia-lhes assegurar a formação moral e religiosa da criança para lhe transmitir e consolidar a fé” (OLIVEIRA, 2011, p. 284).

Ainda afirmado por Ventura “o nascer, a criança não só recebe um nome que firma a sua pertença a uma estirpe como também estabelece, por via do baptismo, um laço espiritual com os padrinhos” (2011, p. 119).

Os cristãos acreditavam que cabia a mãe os principais cuidados tomados com a criança, especialmente nas famílias mais pobres. Mesmo entre as famílias que podiam contratar uma ama de leite, não era desconhecida pelas mães a

prática de amamentar seus próprios filhos, pois esta era uma prática incentivada pela Igreja.

A importância de amamentar a criança é enfatizada, pois “na opinião dos médicos e pedagogos dos finais da Idade Média, seria pelo leite materno que se transmitiam os carismas e as virtudes da mãe e da respectiva linhagem...” (OLIVEIRA, 2011, p. 262), as mães que se recusassem a dar o seio ao filho poderiam sofrer punição ‘penitenciais’.

Heywood cita que

...no século XIII, Bartolomeu, o inglês, afirmou que: ‘a criança criada com leite de sua mãe é mais digna de valor do que aquela criada com leite de outra’. Por outro lado, ele e seus contemporâneos acreditavam que o leite materno era uma forma de sangue, em que a mãe transmitia ‘naturalmente’ suas qualidades para o filho por esse meio (2004, p. 88).

Os cuidados tidos junto às crianças se estendiam para além dos primeiros momentos após o nascimento, período onde estas são totalmente dependentes dos seus cuidadores. O crescimento deles “representava um período complicado e difícil para a criança que começava a querer movimentar-se e a explorar o espaço pelos seus próprios meios...” (OLIVEIRA, 2011, p. 271). Neste momento começavam os cuidados que a família deveria tomar para iniciar a primeira educação dos pequenos.

A EDUCAÇÃO FORMAL DA PENÍNSULA IBÉRICA MEDIEVAL

Primeiramente o ensino na Península Ibérica era ministrado quase que de forma exclusiva nos mosteiros, criar escolas não era o principal objetivo deste local, porém a atividade pedagógica se tornava necessária “na medida em que é preciso instruir os novos irmãos. Surgem então as escolas monacais (junto aos mosteiros), onde se aprendem o latim e as humanidades” (ARANHA, 1989, p. 83).

Portanto é possível citar que na Idade Média a atividade pedagógica acontecia nas escolas monacais ou em escolas episcopais e catedrais, onde

...os estudantes que as frequentavam eram jovens destinados, já de tenra idade, à vida eclesiástica e que, ou tinham sido escolhidos de entre as famílias que prestavam serviços à Igreja, sempre que neles se reconhecesse a negligência e as virtudes consideradas necessárias para o sacerdócio (CARVALHO, 2001, p. 15).

Nestes locais o ensino era composto pelas sete artes liberais, que se dividiam em dois grupos: primeiro as 'letras' (Gramática, Retórica e Dialética), chamado em latim de *trivium*; segundo as 'ciências' (Aritmética, Música, Geometria e Astronomia), chamado de *quadrivium* (CARVALHO, 2001, p. 21).

A preocupação com a educação de maneira formal crescia com o tempo e pode ser percebida em Concílios da Igreja, seja o de Toledo, em 1179, e no II de Latrão que determinava que mesmo na Sé que não possuía escola própria, deveria ser fornecido um mestre-escola para ensinar de forma gratuita os rapazes pobres (CARVALHO, 2001, p. 21).

Diante disto entende-se que,

...todos os homens letrados dos séculos de que nos ocupávamos receberam a sua ilustração, grande ou pequena, da Igreja. De princípio, os indivíduos que nela se instruíam destinavam-se apenas a vida eclesiástica, mas já no decurso do século XII as escolas episcopais ministravam o ensino a estudantes que não pretendiam seguir a vida sacerdotal (CARVALHO, 2011, p. 39).

O ensino, ministrado para aqueles que não buscavam seguir o sacerdócio, contribuía para a percepção da necessidade de uma educação diferenciada, assim, “por volta do século XII surgem pequenas escolas nas cidades mais importantes, com professores leigos nomeados pela autoridade municipal. Nessas escolas o ensino é voltado para as coisas práticas da vida” (ARANHA, 1989, p. 85), sendo substituído o ensino do latim pelo ensino da língua nacional e, no lugar do *trivium* e *quadrivium*, ensinavam-se noções de história, geografia e ciências naturais. O advento do sistema educacional tanto para formação religiosa e secular completava-se com as Universidades.

Para as crianças o ensino formal começava por volta dos seis ou sete anos, onde “a maior parte dos pedagogos da Baixa Idade Média considerava os sete anos como a idade aconselhável para a intensificação desse ensino, fosse

através da frequência de uma escola ou de um preceptor privado” (OLIVEIRA, 2011, p. 267).

Muitos eram as preocupações para que a educação acontecesse de forma eficaz, entre elas a precaução com delimitação de conhecimentos para cada nível de idade, assim como o cuidado tido no momento de definir os professores. Tal vigilância fica evidente nos Tratados de educação,

...produzidos por pais e preceptores letrados nas mais diversificadas regiões do Ocidente medieval cristão. Era, também, frequente a elaboração de várias cartas e recomendações escritas, em que pais e as próprias mães reflectiam sobre a educação a fornecer aos seus descendentes (OLIVEIRA, 2011, p. 266).

Inegável que a educação recebida variava de acordo com as possibilidades econômicas de cada família. Onde

...a maioria das crianças medievais não chegava a participar na cultura letrada que estava reservada aos filhos dos privilegiados. De uma forma geral, recebiam dos pais uma educação oral, já que os conhecimentos letrados não lhes eram acessíveis ou até considerados necessários e vantajosos [...] a educação das crianças, ainda maioritariamente camponesas, decorria no contexto dos contactos quotidianos mantidos com a família e com os grupos de trabalho (OLIVEIRA, 2011, p. 271).

Desta forma a instrução transmitida de maneira informal, além de ser a primeira era a única recebida por muitas crianças, e é esta educação o objeto desta pesquisa.

A PRIMEIRA EDUCAÇÃO DA CRIANÇA SEGUNDO RAIMUNDO LÚLIO

Seja no âmbito da família biológica, da comunidade, dos laços de irmandade a criança medieval era vista como um ser que além de ser cuidado e protegido nos primeiros anos de vida, também deveria ser educada tanto para as letras, para a religião, a moral, como para as mais diversas situações da vida cotidiana.

A preocupação com a educação da criança começava desde a escolha da ama de leite, passava pelas primeiras cantigas a serem entoadas, assim como o

cuidado em iniciar a criança no ensino religioso o mais cedo possível. Incentivar o ensino precoce estava ligado ao fato de que a sociedade medieval compreendia

...que toda a criança, ao possuir uma espécie de memória inconsciente, seria marcada por tudo o que visse ou ouvisse na mais tenra idade. A memória da criança era, frequentemente, comparada quer ao vidro ou à cera mole, onde tudo se imprimia de maneira indelével... (OLIVEIRA, 2011, p. 266).

Postergar o início da instrução da criança podia até mesmo ser considerado um ato de 'preguiça' por parte família,

...a educação, a instrução, com efeito, deve começar precocemente; esse é um desejo muito difundido do qual, entre outros, Palmieri se faz propagador. Algumas pessoas, diz ele, afastam até após os sete anos o momento de instruir os filhos. É pura preguiça. É preciso começar desde seu tempo de ama-de-leite e ensinar-lhes os primeiros rudimentos das letras. Obrigar-se a isso é ganhar dois anos. A partir dos sete anos, dar-se-á um mestre ao menino (LA RONCIÉRE, 2011, p. 281).

Diante do reconhecimento da instrução precoce, a prática religiosa era a primeira a ser ensinada, onde os pequenos deveriam, desde muito cedo, serem instruídos a amar, conhecer, honrar e servir a Deus (COSTA, 2002).

Para a comunidade cristã “a educação de uma criança começava nos joelhos de sua mãe, tradicionalmente responsável por ensinar os filhos a fazer o sinal da cruz, ajoelhar-se durante as orações e dizer preces básicas, como o Credo e o Pai-nosso” (HEYWOOD, 2004, p. 124). Era recomendado à mãe que “aproveitasse todos os tempos e momentos das ocupações domésticas para difundir a fé cristã junto dos seus filhos...” (HEYWOOD, 2004, p. 310).

O religioso Raimundo Lúlio, em sua obra *Doutrina para crianças*, deixa claro ao seu filho a necessidade da educação religiosa desde cedo, pois, para ele, a vida é curta e a morte a cada dia se aproxima, por isso não se pode perder tempo,

...logo, no princípio o homem deve mostrar a seu filho as coisas que são gerais no mundo para que ele saiba descer até as especiais, e que o homem faça seu filho soletrar, em língua vulgar, o princípio que aprendeu, de tal modo que ele entenda o que soletrou (LLULL, 2010, p. 5).

Na tenra idade pode-se facilmente instruir aos bons hábitos e ao bem, ainda novos os pequenos são livres de vícios e aprendem a rejeitar o mal, sendo assim os mais jovens tem maior facilidade para aprender os costumes, comparado aos mais velhos (NUNES, 1999). Raimundo Lúlio apresenta que “a Educação é acostumar o outro ao hábito mais próprio à obra natural. Pois assim como a natureza segue seu corpo e não se desvia de sua obra, as crianças, no princípio, se acostumam à boa educação ou a má” (LLULL, 2010, p. 79).

A preocupação com a boa educação cristã se aplicava, também, a atenção que os pais deveriam ter com a privacidade,

...na opinião do canonista Álvaro Pais (1275-1352), bispo de Silves, era necessário salvaguardar as crianças das tentações [...] Os progenitores deveriam, por isso, ter o máximo cuidado com a sua privacidade [...] Esta intimidade convivida poderia vir a despertar-lhes desejos ilícitos para a sua idade (OLIVEIRA, 2011, p. 266).

Tais “desejos ilícitos” podem levar a diferentes pecados, e deve ser ensinada a criança o momento certo para o “desejar” e para utilizar determinadas partes do corpo, por isso Lúlio tem o cuidado de apresentar para seu filho cuidados referentes à alma e, também, ao corpo:

Filho, muitas palavras te disse, que pertencem ao corpo, e poderia te falar mais, mas desejo te dizer da educação que pertence à alma. Saibas, filho, que quando a criança chega à idade conveniente, o homem deve mostrá-la como recordar, entender e desejar, pois assim como o corpo deseja usar seus membros quando ainda não é chegado o tempo e nem a idade, a alma deseja usar de suas virtudes quando ainda não deve, pois a criança é jovem em idade (LLULL, 2010, p. 79).

Para o religioso, o homem não pode ser relapso em relação ao seu filho, inclusive, os cinco sentidos corporais podem fazer a criança se habituar a pensamentos não condizentes, até mesmo o ouvir, o cheirar devem ser supervisionados, pois podem levar aos sete pecados. Para Lúlio,

...acostumar teu filho a ouvir vaidades, palavras feias, romances e canções, instrumentos e as outras coisas que dão o movimento da luxúria é veneno e peçonha na lembrança, no entendimento e na vontade de teu filho. E tal veneno e peçonha gastam e deterioram os bens que lhe deixas, e aprisionam a sua alma no fogo perdurável. Assim, para mortificar tal veneno são necessárias palavras e livros que falem de Deus

e do menosprezo deste mundo, antes que o veneno e a peçonha se multipliquem em seu hábito (LLULL, 2010, p. 80).

Supervisionar e orientar as crianças muitas vezes acabava não sendo suficiente e podia ser necessário o uso dos castigos corporais, porém não eram os mais recomendados, “de uma forma geral, os pedagogos apenas a sugeriam quando se esgotavam as vias de repreensão por apelo à razão” (OLIVEIRA, 2011, p. 266).

A preocupação com a moral ocorria de forma complementar ao cuidado com a disciplina, sendo assim a sociedade medieval compreendia que “ao aprender muito cedo a virtude e a disciplina, as crianças sempre delas guardariam a lembrança” (OLIVEIRA, 2011, p. 266), por isso a necessidade e importância da primeira educação da criança. Raimundo Lúlio apresenta em seu escrito esta preocupação, e com influência do meio em que viveu destaca que a educação precoce é fundamental, o que dá suporte para acreditar na presença da criança no ambiente familiar como algo importante, que não pode ser ignorado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Península Ibérica medieval viveu um longo período onde o ensino era ministrado, em sua maior parte, nos mosteiros. Juntamente das escolas monacais, logo depois surgiram às escolas episcopais e catedrais. No entanto, este estudo buscou responder, através do pensamento de Raimundo Lúlio, quais eram as instruções para a primeira educação da criança.

Sabendo que antes dos pequenos seguirem para o ensino formal, a sua primeira educação acontecia no espaço familiar, compreende-se que cabia aos adultos tomar cuidados e medidas para proteger, respeitar e educar os pequenos, pois estes eram a garantia da continuidade de uma linhagem, ou seja, o prosseguimento da família, considerando necessário educar a criança precocemente na prática religiosa, ela devia desde cedo aprender a amar, conhecer, honrar e servir a Deus.

Raimundo Lúlio mostra isso em sua obra *Doutrina para crianças*, onde apresentou ao filho instruções para a sua própria educação religiosa, da mesma forma que o orientou como um homem deve instruir uma criança. Para ele cabe ao adulto supervisionar as etapas de amadurecimento do filho, até mesmo os sentidos devem ser acompanhados. O religioso não ignorou a criança, a coloca como um ente que precisa de cuidado já nos primeiros momentos da vida, onde a sua presença no ambiente familiar é algo importante, que não pode ser desprezado. Para ele educar desde cedo representa preparar para o futuro, garantia de que quando adulto os preceitos religiosos e morais, estarão intrinsecamente inseridos nas suas vidas, levando a diferentes povos a sua religião, garantindo a continuidade das tradições.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação**. São Paulo: Moderna, 1989.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Editora Guanabara, 1978.

CARVALHO, Rómulo de. **História do ensino em Portugal**: desde a fundação da nacionalidade até o fim do regime de Salazar-Caetano. 3º ed. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa: 2001.

COSTA, Ricardo. Reordenando o conhecimento: a Educação na Idade Média e o conceito de Ciência expresso na obra *Doutrina para Crianças* (c. 1274-1276) de Ramon Llull. In: OLIVEIRA, Terezinha (coord.). **Anais Completos da II Jornada de Estudos Antigos e Medievais**: Transformação Social e Educação. Universidade Estadual de Maringá, 2002. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/pub/reordenando.htm>>. Acesso em: 26 de janeiro de 2012.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da Infância**: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente. Tradução Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LA RONCIÈRE, Charles de. **A vida dos notáveis toscanos no limiar da Renascença**. In: DUBY, Georges (org.). *História da vida privada*, 2 : da Europa

feudal à Renascença. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 281.

LE GOFF, Jacques. **A Civilização do Ocidente Medieval**. Tradução José Rivair de Macedo. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

LLULL, Ramon. **Doutrina para crianças** (c. 1274-1276). Tradução de Prof. Dr. Ricardo da Costa. Grupo de Pesquisas Medievais da UFES III. Ivitra, 2010. Disponível em: <<http://www.ivitra.ua.es/RicardoCosta/Llull2.pdf>>. Acesso em: 17 de janeiro de 2012.

NUNES, Ruy Afonso da Costa. A Educação dos Meninos segundo Guilherme de Tournai. Revista **NOTANDUM**, Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação da USP, ano 2, número 4, jul-dez 1999. Disponível em: <<http://www.hottopos.com.br/notand4/edumenin.htm>>. Acesso em 26 de janeiro de 2012.

OLIVEIRA, Ana Rodrigues. **A criança**. In: MATTOSO, José (dir.); SOUZA, Bernardo Vasconcelos e (coord.). História da Vida Privada em Portugal: A Idade Média. Temas e Debates: Lisboa, 2011. Página 260 a 299.

_____; OLIVEIRA, Antonio Rezende de. **A mulher**. In: MATTOSO, José (dir.); SOUZA, Bernardo Vasconcelos e (coord.). História da Vida Privada em Portugal: A Idade Média. Temas e Debates: Lisboa, 2011. Página 300 a 323.

VENTURA, Leontina. **A família: o léxico**. In: MATTOSO, José (dir.); SOUZA, Bernardo Vasconcelos e (coord.). História da Vida Privada em Portugal: A Idade Média. Temas e Debates: Lisboa, 2011. Página 98 a 125.